

### Soliloquio

Pesada vae a noite de meus dias !  
E comtudo vinte annos tão sómente  
me separam do berço ! Apenas vinte !  
Vinte anneis da cadeia tenebrosa,  
cujos fataes extremos vão perder-se  
na vacua eternidade ! — cujos élos,  
um sobre outro cahindo, minha fronte  
contundem sem cessar ! — Batem, retinem  
as horas que se arrastam frias, lentas,  
como eternos galés que vão de rojo  
ao tempo acorrentados ! Ruge, vibra  
cada oscillator da pendula incansavel  
no quadrante medonho. Cada instante  
echoa no meu ser como um gemido  
de moribundo, — e a existencia minha  
precipita-se á campa, como um rio  
que se engolpha no mar. Cada momento  
me rouba uma illusão. Que voz sentida  
dos ventos no passar murmura agora ?  
E' um queixume de flores desfolhadas,  
ou é o carpir das brisas que rasgaram  
dos rochedos na ponta as azas doidas ?  
Silencio ! E' o soluçar do ultimo sonho,  
o agonisar extremo da esperanza,  
que se afunda na duvida. As idéas  
esfriam-me no cerebro confuso,  
como larvas n'um tumulto, — vacillam  
como clarões da lampada sagrada  
de um templo sobre as pallidas ruinas.  
E em breve o pensamento que animava  
meu genio — extinto me será na fronte.  
— Assim a estrella solitaria e incerta  
do firmamento na amplidão fenece.

Das orvalhadas das auroras minhas  
nem uma gotta refrescou meus labios !  
nem respirei de meu caminho as flores !  
Invencivel, fatal, tristeza immensa  
sentou-se á sombra de meus verdes annos,  
bebeu todas as taças amargosas  
dos males que soffri, — e exhausta, e ebria,  
enlouqueceu-me para sempre n'alma.  
A dôr desceu-me ao coração tão fundo  
como a chuva nos valles. Uma lagryma  
dalli subiu, — nas palpebras immovel  
pendurou-se-me, — e eterna alli rutila.

E' uma estrella de sangue, — é o transumpto  
de um martyrio sem nome, — o espelho mudo  
de um padecer sem voz, onde gelou-se  
de um triste pensamento a imagem fixa.  
E' uma gotta de veneno ardente  
que as retinas me abraza, e que não póde  
pela face escorrer, lenir negroses,  
que por dentro me vão. Tudo se apaga !  
O murmurio da brisa pelas folhas,  
o queixume da vaga sobre a area,  
suspiram, morrem ; na amplidão celeste  
vacilla e treme o lume das estrellas  
e a extrema vez lampeja, immerso em trevas.  
As cores mais brilhantes se distinguem.  
De pallido clarão cobrindo os mares  
no occidente o luar tomba e se abysma.  
E uma outra brisa chorará nas ramas,  
e uma outra vaga gemerá na area,  
cores mais vivas luzirão de novo,  
e outro luar arrojará nos ares  
seu pranto luminoso. — E só no entanto  
esta dôr, esta lagryma sem fórma  
me rolará na palpebra sombria,  
como um astro sem vida. Si comtudo  
eu pudesse arrojá-la de meus olhos !  
Talvez, — quem sabe ? — as outras suspendidas  
pela de maldição, soltas de novo,  
derramariam ondas de consolo  
na desesperação que me rodeia !  
Nos seios de alvos lyrios a alvorada  
goteja almo frescor ; o mar scintilla  
á orvalhada de luz que os astros louros  
dardejam-lhe do ceu ; mas que urna póde  
conter, — tão grande, tão sublime e sancto  
pranto que ao desespero o amor arranca ?  
Ah ! brilha, brilha, lagryma insensata,  
que ninguem entendeu ! Tu és a lampada  
funerea de meu genio agonisante !  
tu és o espelho das tristezas todas  
que meus olhos hão visto ! Assim no valle,  
de estereis montes sussurrando aos lados,  
vão de um ribeiro as aguas fugitivas  
pintando ao fundo do empedrado leito  
as imagens da margem entristecida.

Rio, 1876

THEOPHILO DIAS